

Memória

Gasparense

Imigração Italiana em Gaspar

1/PE
1.642

22m

no 3, n.7 Ex.2 BCEU

Ano 3

Número 7

Outubro/1996

APRESENTAÇÃO

Imigração Italiana em Gaspar, é o tema de memória Gasparense Nº 7. Reúne documentos, cartas e memórias sobre esta gente que aqui chegou, a partir de 1875, vinda de sua terra natal, a Itália. Eram pessoas simples e sem recursos, que viam nas terras brasileiras, a possibilidade de viverem num paraíso.

Aqui chegando, tiveram que conquistar a duras penas, o pão de cada dia nas terras improdutivas dos morros altos do sul do território gasparense ou trabalhando na extração de madeira, longe do convívio doméstico.

Vivendo à margem da prosperidade alcançada por açorianos e alemães que ocuparam as terras férteis dos vales, o italiano labutou muito até conseguir padrão de vida compatível com o dos moradores mais antigos de Gaspar.

Para que o leitor possa melhor se inteirar sobre o assunto, apresentamos um resumo sobre as guerras européias e outros fatores que influenciaram a imigração italiana no sec. XIX.

Descrevemos também as condições de vida dos imigrantes e as peculiaridades das viagens entre a Itália e Itajaí e dali, até seu lote de terras em Gaspar. Abordamos a demarcação dos terrenos, as famílias proprietárias e os primeiros anos na nova terra.

Alguns descendentes de imigrantes relatam histórias interessantes que ilustram sobremaneira a vida destes em Gaspar.

A "Questão Flores" sobre a posse ilegal de terras em Óleo Grande, constituiu-se na maior questão judicial de Gaspar no século passado, é apresentada em forma de resumo.

As festas, segundo a tradição italiana, adaptada a nova situação de vida; expressões, costumes, provérbios, sentenças, orações e ditos populares entre os italianos e seus descendentes compõem o conteúdo deste caderno.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para o engrandecimento de nosso torrão natal que cada dia mais exige o orgulho e amor de seus filhos, legítimos representantes dos imigrantes que aqui derramaram seu suor na construção desta comunidade.

Gaspar, outubro de 1.996

**Biblioteca Maria do
Carmo Beduschi**

13 852 55235

GASPAR Santa Catarina

Leda Maria Baptista
Depto. de História
Casa da Cultura de Gaspar

GUERRAS EUROPÉIAS

No século passado, pode-se afirmar, que em cada campo, em cada classe social, prevalecia o egoísmo, a sede de conquista e do poder. A febre do expansionismo arrastava povos e nações, para guerras de efeitos imprevisíveis.

As guerras de sucessão, começando pela Rússia à Polônia, da Áustria à Alemanha, da França à Espanha e toda a Europa em armas, marchavam para a conquista do poder e incendiavam de patriotismo todo o povo. Guerra!!! Era o grito que ecoava por toda a Europa.

Por causa disso, no decorrer da história da imigração, os italianos contavam muitas façanhas de guerra, nas quais alguns deles participaram ativamente e outros sofreram as conseqüências. Muitos deles cantavam hinos patrióticos, que serão lembrados, aqui.

Foi assim certamente, que a Europa marcou, de modo especial, a formação dos países existentes antes da Guerra Mundial de 1914.

O serviço militar na Itália era obrigatório para todos os jovens, durante 6 a 8 anos. Ela também, não ficou isenta dessas convulsões políticas e de guerras quase seguidas, especialmente na fase de 1830 a 1870.

Essas guerras, a que os imigrantes tanto se referiam, poderiam ser algumas das seguintes:

A guerra da Criméia, na qual tomou parte um corpo expedicionário do Piemonte, ao lado da França, da Inglaterra e da Turquia, contra a Rússia, que terminou em 1855 com a vitória das nações aliadas.

A guerra de 1859, quando a Áustria marchou contra o pequeno reino de Savóia, do rei Vittorio Emmanuele. Napoleão III, rei de França, aliou-se a favor de Savóia, entrou na Itália, e derrotou a Áustria na cruenta batalha de Solferino.

A guerra de 1866, quando Bismark, da Prússia, na luta contra a Áustria, aliara-se com a nascente Itália, à qual prometeu Vêneto.

A Áustria foi vencida pelos exércitos prussianos e pelo Tratado de Paz de Viena, nesse mesmo ano, a Itália recebeu Veneza, que a Prússia lhe havia prometido, se sásse vitoriosa.

Giuseppe Garibaldi, que nesse mesmo ano marchara para a conquista da parte italiana do Tirol, tinha chegado vitorioso a Trento. Mas em força daquele Tratado de Paz, teve que abandonar a cidade, que continuou ficando sob o domínio da Áustria.

A guerra Franco Prussiana de 1870, declarada por Napoleão III, rei de França, contra a Prússia. A França foi derrotada pela Prússia e obrigada a pagar uma vultosa quantia em dinheiro sem precedentes na história, além de se apoderar da Alsácia e Lorena, reconquistadas depois novamente pela

França, na Primeira Guerra Mundial. As guerras de unificação dos Estados Italianos, especialmente no tempo em que estiveram à frente do movimento, Giuseppe Garibaldi, Camilo Cavour e o rei do Piemonte, Vittorio Emanuele, completando a unificação com a tomada de Roma em 1870, facilitada pela retirada do exército francês, que protegia os Estados Pontifícios, para combater contra a Prússia. Foi nesta data de 1870 que a Itália começou realmente a existir como nação, soberana e independente.

TRECHOS DE CANTOS PATRIÓTICOS DA ÉPOCA

HINO DE GARIBALDI - 1859

All' armi! All' armi!
si scopron le tombe
si levano i morti
i martiri nostri.
Le spade nel pugno
gli allori alle chiome,
la fiamma ed il nome
d'Italia nel cor!
Corriamo, corriamo!
sù ò giovani schiere,
al vento per tutto
le nostre bandiere!
Sù tutti col ferro,
sù tutti col fuoco,
sù tutti col fuoco
d'Italia nel cor!

CANÇÃO DE GUERRA - 1866

Dalle spade il fiero lampo
troni e popolo sveglio;
italiani, al campo, al campo!
è la madre che chiamò.

Sù corriamo in battaglioni,
fra il ribombo dei cannoni,
l'emo in testa, in man l'acciar,
viva il Re dall'Alpi al mar!

Nostre son quest'alme sponde
nostri i floridi sentier;
l'aria, il ciel, i campi e l'onde
ti spingono, ò stranier

GIOVANI ARDENTI - 1848

Ó giovani ardenti
d'italico ardor
serbate il valore
pel dì del pugnar.
Stringiamoci assieme
di tromba allo squillo
giuriam sul vessillo
vittoria o morir.
Dall'Alpi a Sicilia,
di nuovo ogni lido
echeggi al bel gridò
della libertà.
All'armi mi chiama
l'italica terra
evviva la guerra!
vittoria o morir.

LA CAMICIA ROSSA - 1860

Quando la tromba suonava all'armi

con Garibaldi corsi arruolarmi
la man mi strinse con forte scossa
e mi dié questa camicia rossa.

E dall'istante che t'indossai
le braccia d'oro ti ricamai:
quando a Milazzo passai sergente,
Camicia rossa, camicia ardente!

Tu sei l'emblema dell'ardimento;
il tuo colore mettè spavento;
fra poco uniti saremo a Roma
camicia rossa, camicia indoma.

ANTECEDENTES DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

Por volta de 1870 as grandes propriedades italianas estavam nas mãos das classes privilegiadas.

A maioria da população era composta de camponeses pobres. Viviam o dia-a-dia como inquilinos dos grandes proprietários. Sem terras, eram obrigados a trabalhar para os ricos, recebendo baixos salários – até por menos de 1 Lira diária deixando-os cada vez mais em situação precária.

Os pequenos proprietários vinham a cada ano empobrecendo, devido às sucessivas más colheitas. Lamentavam a cada período, uma desgraça: Chuvas torrenciais da primavera ou secas intermitentes, prejudicavam a produção agrícola, a "criptógama" da videira, arruinando grande parte das parreiras; e a doença do bicho da seda, destruindo quase completamente essa indústria, que empregava grande parte da mão-de-obra. Muita gente pastoreava seus rebanhos para o alto dos Alpes de maio a setembro, deixando as famílias sozinhas durante esse período. A vida na Itália era uma verdadeira luta.

A fome a rondar, as famílias sem empregos, mesmo na Áustria, Suíça e Alemanha, que na época absorviam a mão de obra ociosa da Itália, a população só via uma possibilidade e uma única solução: -Emigrar.

Essa precária situação social tornou os camponeses e operários italianos em presas fáceis dos agentes ou "corretores da imigração", conhecidos pejorativamente, por "negreiros da imigração".

Trevito, Cavedine, Levico, Centa, Vígolo, Val Sorda, Matarello, Ospedaletto, Cognola, Vattaro, Caldonazzo, Valda, Volano, Roveretto, Albiano, Ceola, Vale do Adige e muitas outras aldeias estavam atentas e confiantes nas promessas das companhias recrutadoras para as terras brasileiras. Libertar-se para sempre de todas as calamidades era o grande desejo dos desafortunados.

Em 17 de junho de 1874, foi assinado um contrato, autorizando Joaquim Caetano Pinto, a importar para o Brasil, cem mil imigrantes europeus. O governo Imperial do Brasil dava preferência a colonos de credo católico, encontrados especialmente nas regiões de Lombardia e Veneza.

O contrato Caetano Pinto estabelecia "uma subvenção de Rs 125\$000 por adulto e metade desta, pelos que fossem menores de 12 anos e maiores de 2 anos".

Assim, esses agentes da imigração, remunerados pelo número de imigrantes que conseguissem embarcar, deram início a uma intensa e mentirosa propaganda ilustrada com fotografias de videiras com enormes cachos de uvas, árvores frutíferas repletas de frutos, lavouras abundantes, animais domésticos de grande porte,... Tudo feito com montagens falsas e com notícias exageradas sobre as riquezas do Brasil e da América.

Não bastasse a propaganda , padres católicos passaram a visitar os agricultores, dizendo maravilhas do Novo Mundo: o governo do Brasil garantia alimento farto por seis meses, casa própria, 20 a 30 hectares de terras férteis, ferramentas, sementes, animais domésticos, etc.

Os homens consultavam suas mulheres e juntos decidiam vender tudo o que tinham e a conseguir de 100 a 150 libras, que era o custo da passagem. Canções sobre as maravilhas americanas eram entoadas com fervor, no interior da Itália.

“Ma cosa saralo St'América?
Un mazzolin di fiori
Che vien dalla montagna;
Vardé che non se bagna
Ché l' é de regalar...

Mèrica, Mèrica, Mèrica
Cosa saralo sta Mèrica
Mèrica, Mèrica, Mèrica
L' è un mazzolino di fior

Il bastimento é pronto
Il marinar va via,
senti, ho mamma mia
Im Mérica vó andar!

Oi cara mamma voi cento lire
Che in Ameèrica voglio andar

Vostu vegnir Nineta
Vostu vegnir con me
Vostu vegnire in Mèrica
A travagliare con me

Le cento lire mi te le dago
Ma in Amèrica ò filglia nò.

Mi si che vegneria
Sel fussa li a Milan
Ma per andare in Mèrica
L'è massa via lontan

I suoi fratelli sulla finestra:
Cara mamma, lasciela andar

Và pure, ò filglia ingrata
In mezzo al mare potrai restar.

Aos indecisos, os agentes de imigração argumentavam finalmente que, além do médico e de local demarcado para a escola, estaria pronta a igreja e haveria um pároco à espera dos que chegassem.

Prospecto das vantagens oferecidas aos emigrantes que desejam estabelecer-se no Império do Brasil.

"O Governo Brasileiro querendo povoar seu território, coberto de uma vegetação a ninguém segunda, e incluindo em seu seio toda espécie de minerais, oferece aos Emigrantes que preferirem este país a qualquer outro, grandes vantagens nos preços da viagem, a venda a preços reduzidos das terras que produzem todos os frutos Europeus e dos que não se cultivam a não ser nos trópicos. Esta fecundidade é devida ao clima temperado de que goza o Brasil. O Governo garante a vida e a propriedade dos habitantes por suas Leis e sua Constituição. Este vasto império, quase tão extenso quanto a Europa inteira, apresenta diversos climas: goza-se da mais sã e mais amena temperatura. Durante o verão, o vento do mar que sopra todos os dias, torna o calor do sol suportável aqueles que se lhes expõem mesmo nos dias mais quentes.

É a este benéfico clima que o Brasil deve a grande dificuldade com a qual seu solo produz as seguintes colheitas e muitas outras que não nomearemos aqui: Feijão, Milho, Café, Centeio, Trigo, Arroz, Cana-de-Áçúcar, Beterraba, Uva, Cevada, Frutas oleosas de toda espécie, Amoreiras para a criação do Bicho-da-seda, Madelras e Frutas de toda espécie; alguns destes produtos são colhidos duas vezes ao ano. Não há uma só Província em que não existam minas já exploradas e concessões já feitas. Existem minas do Ouro, da Prata, de Diamante, de Cristal, de Mármore e de Pedras preciosas; como também de Carvão, de Ferro, de Cobre, de Chumbo, de Estanho, de Mercúrio, de Sal, de várias espécies de Granito e de Pedras calcáreas para a construção e outras; existe também a Argila e uma infinidade de outros materiais. Já existem no Brasil Colônias pertencentes ao Estado que estão em plena prosperidade. Na Província de Santa Catarina, as Colônias do Blumenau com 7156 habitantes; Itajahy e Dom Pedro, 2.505. Nas Províncias do Espírito Santo, as Colônias do Rio Novo, 1.226 e Santa Leopoldina, 3.880.

Na Província de São Paulo, a Colônia Cananea, 547. Na Província de Minas Gerais, a Colônia Mucury, 701. Na Província do Paraná, Assunguy, 1.000 habitantes, e a seis horas de Estrada de Ferro da Capital, a nova Colônia de Porto Real. Finalmente, há também muitas outras colônias levantadas pelo governo das províncias e particulares. O Estado não busca tirar benefício com a venda de seus terrenos, somente tem em vista atrair Emigrantes honestos e trabalhadores que, em troca de seus trabalhos, lá encontram uma existência fácil e feliz, e aumentando por isso a própria riqueza pública; é exclusivamente para este fim que ele cede aos ditos Emigrantes, terrenos a preços ínfimos e a longo prazo. Estes terrenos, uma vez cultivados, não tardam de representar um valor, muitas vezes superior aquilo que custam ao Colono, que em pouco tempo adquire pois uma bela propriedade. Para facilitar a viagem dos Emigrantes para o Brasil, o Governo fez um tratado com o abaixo-assinado que se propõe estabelecer agentes em todos os portos da Europa, os quais deverão fornecer aos ditos Emigrantes para este rico país; todos os esclarecimentos e os indícios desejáveis, ao mesmo tempo que se encarregarão de providenciar seu cómodo transporte e o de bagagens da Estrada de Ferro até o porto de mar determinado e facilitarão também seu embarque nos vapores destinados a transportá-los ao Brasil. Seguindo as bases deste contrato, cada Emigrante que vir a estabelecer-se numa Colônia do Estado do Brasil tem direito a uma parte de terra da superfície de 303.500 metros quadrados; 151.250 metros quadrados pelo preço que será fixado pelo Diretor da colônia, cujo preço poderá variar de 2 a 8 réis (o réis vale aproximadamente 0,0025 francos, ou seja 4 réis igual a 0,01 francos: uma parte nística de 3ª classe contendo 151.250 metros quadrados, custará a soma aproximada de 156 francos) e isto será feito arbitrariamente seguindo a fertilidade, a situação, as outras condições nas quais se encontram os terrenos. Dito preço é fixado para os Colonos que pagarão suas terras em moeda corrente, à vista.

Quando aqueles que comprarem a prazo será acrescentado 20% do preço marcado, e o pagamento será feito em cinco parcelas, a partir do final do segundo ano de residência do Colono que, consequentemente, deverá efetuar seu último pagamento no final de seu sétimo ano de ocupação do terreno. O Emigrante que antecipar as épocas de pagamento terá o benefício do desconto de 5% sobre o pagamento feito antecipadamente. Nestas partes de terra entregues após medição e demarcação, haverá uma superfície de 4.840 metros quadrados desboscados e ao mesmo tempo uma casa provisória. Quando os colonos tomarem posse de seus terrenos terão direito às sementes necessárias para as primeiras semeaduras destinadas a sua alimentação e além disso receberão os instrumentos agrícolas de que terão necessidade, o preço destes como também das despesas do desboscamento, da casa e de outras antecipadas, serão reunidas no momento da venda das terras e pagas segundo os prazos estipulados. Todas as despesas de transporte, do porto de embarque até a colônia que o Emigrante tiver escolhido para sua residência, serão feitas gratuitamente. Os Emigrantes terão igualmente direito ao alojamento na Casa de recepção, como também os alimentos durante oito dias, na capital e nos portos de província do Império, onde tiver lugar o desembarque, sem que essas despesas possam ser-lhes cobradas. Durante estes oito dias terão mais que suficiente para pedir todas as informações e quanto aquelas que não são Agrícolas, esta demora lhes bastará para obter um emprego, segundo a profissão que exerceram. Na chegada ao porto onde deverão desembarcar, os Emigrantes serão recebidos a bordo por um Agente intérprete que se encarregará de seu desembarque e de suas bagagens, como também de fornecer-lhes todas as informações que eles desejarem obter. Este agente deverá igualmente facilitar aos recém-chegados todos os meios de tomar um perfeito conhecimento das colônias existentes e de sua situação e os ajudará com seus conselhos a obter um emprego, e lhes indicará o que melhor lhes convier. Além das informações que os Emigrantes poderão pedir a este empregado, que será uma pessoa de toda confiança delas, eles terão a maior facilidade do acolhimento entre os numerosos compatritotas estabelecidos na cidade. Em Caso de doença os Emigrantes serão cuidados gratuitamente durante todo o tempo em que não estiverem estabelecidos em suas colônias respectivas. Suas bagagens e instrumentos estarão isentos do direito de alfândega. Em todas as Colônias os Emigrantes encontrarão a instrução moral e religiosa que lhes será ministrada pelos padres Católicos e pelos Pastores Protestantes segundo a religião de cada um, assim também para as escolas para as crianças dos dois sexos, em que o ensino será gratuito. No interior do Império as estradas não são ainda das melhores. Nelas estão

fazendo todos os reparos e todos os aperfeiçoamentos úteis; convém em todo caso anotar que nas regiões coloniais existem rios e riachos em abundância, por meio dos quais se efetua o transporte em chatas e em barcos a vapor. Além deste meio de comunicação, mais Estradas de Ferro estão em vias de construção, e outras em estudo, o que faz esperar que em pouco tempo o Brasil possuirá uma verdadeira rede deste meio de transporte rápido e cômodo. A construção destas estradas oferece a todos os trabalhadores empregos e bem remunerados, face à questão paupérrima da falta de braços, sempre crescente não só para este empreendimento, mas ainda para um grande número de outros que estão atualmente em ativação. Nas cidades, vilas e cabanas (provavelmente "campagne", campos ndr) o Operário e o Servente estão sempre certos de um trabalho bem pago, e pode-se em sã consciência afirmar que, não somente todo homem ativo e laborioso encontra no Brasil uma existência segura, mas também que pode em alguns anos conseguir uma fortuna e até acumular riquezas. Todas as vantagens acima citadas não fazem contrair ao Emigrante nenhuma obrigação e não o obrigam a nada; ele desembarca no Brasil sem dívidas, inteiramente livre e dono de suas ações, podendo estabelecer-se onde lhe agrada, enfim, encontra na sua chegada, alojamento, alimentação, conselho e proteção, sem por isso gastar nada em absoluto. Quando os Europeus chegarem ao Brasil, já não estarão isolados; em todas as localidades eles encontrarão um grande número de compatriotas, e nas colônias uma nova família da mesma nação, e dos mesmos costumes; e entre os habitantes deste belo país, uma hospitalidade desconhecida no velho mundo. Os Emigrantes podem corresponder-se mais de uma vez por semana com seus parentes e por meio de numerosos vapores que fazem um serviço regular entre o Brasil e a Europa. O preço dos víveres é excessivamente baixo, e à mesa do pobre quanto aquela do rico, todos os dias há carne fresca, principal alimentos de todas as classes, graças aos preços que são só de 160 a 200 réis (40 cent. A 50 cent.) o quilo. Os Emigrantes que dão preferência ao Brasil vivem sob a proteção de um Governo civilizado e humano; as instituições do país lhes oferecem garantias de ordem e de segurança que não encontrarão em nenhum outro Estado da América do Sul. Tudo contribui portanto a recomendar poderosamente o Brasil à Emigração; a prova desta afirmação é fornecida por todos os sábios escritores que visitaram este rico país e pelo grande número de Emigrantes que aí vieram estabelecer-se, em busca de trabalho ou das garantias que lhes oferece sua constituição, e o exemplo da propriedade de que gozam as colônias já estabelecidas. Pode-se portanto dizer com toda a sinceridade aos Emigrantes: " Vocês gozam de trabalho ou das garantias que lhes oferece sua constituição, e o exemplo da propriedade de que gozem emigrar? Vão para o Brasil". Se vocês são honestos e trabalhadores, vocês terão a certeza de tomarem-se proprietários em pouco tempo e de serem ricos depois de uma dezena de anos. Por todas estas vantagens e se lhes acrescentarmos a grande economia que por meio deste contrato o Governo oferece ao Emigrante, considerando que este não deve pagar nada, nem ao Estado, nem ao Empreiteiro, e que é completamente livre de fazer o que melhor lhe convier, não se pode não estar convencido que nenhum empreendimento oferece ao Emigrante condições mais favoráveis que estas.

Preço de Modane até o Porto de Havre L. 40 para os solteiros e L.20 de ouro para as famílias. Partidas duas vezes ao mês. Neste preço estão compreendidas as despesas de Fomolia e Bagagem de Modane até Havre, enquanto todas as outras despesas até Modane e a alimentação em Le Havre correm por conta do Emigrante.

Gioacchino Gastano Junior

Com a esperança alimentada por promessas, os italianos deixavam a aldeia natal, depois de participar da missa e receber uma bênção, dirigiam-se para Gênova para tomar o navio. A viagem demorava uns dois meses.

Carmelo Carlini, morador em Rio dos Cedros, SC, descreve a viagem do primeiro grupo de imigrantes:

NATAL NO MAR

"A primeira leva de imigrantes, embarcou no porto de Trieste, no dia 20 ou 21 de dezembro de 1874, três ou quatro dias antes do Natal. A maior parte que compunha esse grupo, sentia-se feliz, porque esperava encontrar na nova terra, a esperada fortuna que os aliciadores de Joaquim Caetano Pinto Júnior lhe haviam prometido. " La cucagna "!

A viagem prosseguia tranqüila, singrando o mar. Uma mulher de certa idade, apelidada de Serecola, devido ao barulho que fazia com os tamancos, quando caminhava pelas ruas de Fornace, sua terra natal, impossibilitada de se locomover sem o uso de muletas, por causa do reumatismo, após algumas horas de viagem marítima, sentiu-se aliviada e cheia de euforia gritou "ciufu!..." e atirou as muletas ao mar. A noite de Natal se aproximava. Era preciso celebrá-la conforme o costume de Trento, mesmo que fosse num navio em pleno mar Mediterrâneo.

Assim, todas as famílias, que viajavam para o Brasil, se reuniram e planejaram a festa. Na véspera do dia 25 de dezembro de 1874, estavam em alvoroço, preparando-se para celebrar "La Santa Notte", que de acordo com a tradição e os costumes deveria ser comemorada com uma missa à meia noite. Na falta de sacerdote, organizaram um bom programa de cantos e preces natalinas, como se fazia em Matarello.

Encabeçava o movimento, Giovanni Baldessari, homem estudado e líder.

Os homens prepararam " il ceppo di Natale ", pedaço de madeira de carvalho, há séculos usado nesta ocasião, para arder durante a noite fria de Natal, nas lareiras, símbolo do amor, da felicidade e da vida.

Improvizou-se um pequeno presépio, com todas as figuras bíblicas e a estrela iluminada.

As mulheres envergavam seus lindos vestidos compridos, enquanto os homens vestiam ternos tradicionais e chapéu de aba grande, dobrada na frente para cima, em sinal de altivez, coragem e honestidade.

Tudo estava pronto. Giovanni Baldessari, deu início à celebração. Lei trechos da Bíblia referentes ao mistério da Encarnação, rezou e cantou com todos os passageiros ao redor do pequeno presépio.

Improvizou um discurso, o qual lembrava o Natal de Trento, que pela primeira vez era celebrado, de maneira diferente, no mar, longe da terra querida. Ao ouvir palavras tão emocionantes, os passageiros soluçavam tristemente.

Em seguida foram acesas as velas e o "ceppo". Giovanni Felipi segurava o mastro da estrela, que ele mesmo havia construído. Entoaram o canto "Buona notte Che l'è il Natale", onde se narra a história do menino Jesus.

Terminada a parte religiosa, o próprio Baldessari abriu o primeiro garrafão de vinho, dando início à parte social.

A festa foi até altas horas da madrugada. Um grupo de marujos, aproveitou a ocasião para se divertir a valer.

Entretanto, tudo terminou com uma briga. A bordo estavam três clandestinos foragidos da polícia italiana. Eram os irmãos Ferrari e uma jovem, que tinha sido camareira de Giuseppe Garibaldi e amante de vários oficiais do Regimento Garibaldino. Foi suficiente um dos irmãos Ferrari, notar que um marinheiro cortejava a moça, agora sua namorada, para armar a discórdia. Num instante, o tumulto estava para tomar proporções perigosas. A esta altura, entrou em cena o comandante do navio. Deu ordem de "recother" e tudo voltou à calma.

DESCRIÇÃO DA VIAGEM

" O navio que levava o 1º grupo de imigrantes ítalo-trentinos zarpuou do porto de Trieste, em vésperas de Natal de 1874. Aportou em Recife para se abastecer e proporcionar uma folga aos marinheiros e em seguida continuar sua rota. Imediatamente, o barco foi invadido por dezenas de vendedores ambulantes de amendoim torrado, rapadura, abacaxi, abacate e outras frutas da região.

Os vendedores cumprimentavam amavelmente os passageiros com um bom dia e ofereciam-lhes seus artigos a preços baratíssimos.

Entretanto, os viajantes não tiveram boa impressão neste primeiro contato com o brasileiro. É que pela primeira vez viam gente de cor preta e mal representada. Por isso apelidaram-nos de "Bondie", parafraseando o bom dia, saudação, que eles ainda não entendiam.

Outros, comentando entre si, repetiam caçoando: "I parla massa... I è tutti n'broioni". Falam demais... São todos trapaçeiros...e outras expressões semelhantes.

Depois de três dias de folga, o navio já bem abastecido, fez-se ao largo. Ao chegar às costas do Espírito Santo, o comandante mandou entrar no porto de Vitória, para corrigir pequenas avarias do barco.

Em Vitória, desembarcaram duas famílias, para ficarem. Dirigiram-se para a fazenda Santa Teresa, onde haveriam de se empregar e dar início a sua nova vida.

O navio se fez novamente ao largo, zarpando rumo ao Sul. Entrou na Baía de Guanabara e ancorou no porto do Rio de Janeiro. Aí, por causa de discórdias entre marinheiros, foi entregue às autoridades locais, um dos tripulantes para ser punido, indicado como um dos mais culpados.

Tanto a tripulação como os passageiros tiveram dois dias de folga. Assim puderam desembarcar e visitar a cidade. Mas o modo de trajar, de falar, os costumes do povo carioca bem diferentes dos deles e outros fatores, causaram novamente impressões negativas àquela gente italiana. Por isso exclamavam: "Ma che pora zent, poreta... Come farala viver?... Cossa magnerala, po?..." – Pobre gente... Como será que vive?... o que será que come?... – Essas e outras expressões eram o assunto principal dos viajantes, completamente alheios a estes primeiros contatos com a nova terra.

Ao contemplar, porém, a natureza da maravilhosa Guanabara, não deixavam, entretanto, de exclamar admirados: "Bellissimo posto". -Lindo lugar!

Passados os dois dias, o navio se fez ao mar. Em Santos atracou novamente. Neste ponto desembarcaram três famílias. Eram os Tafner, os Slomp e os Perini, que se dirigiram para São Paulo; mas que logo em seguida haveriam de voltar para Santa Catarina, em Rio dos Cedros, junto com aquele

1º grupo, com o qual viajaram. De Santos para diante, a viagem transcorreu num clima de profunda nostalgia. Os passageiros estavam cansados e aborrecidos. O número deles havia diminuído com a permanência de diversas famílias em Vitória e em Santos. Alguns até invejaram a sorte deles. Um silêncio misterioso invadiu a todos.

Felizmente, como diz o ditado: – Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca acabe. Após quase dois meses de viagem, chegavam, finalmente ao seu destino. O ponto final estava à vista. Itajaí se aproximava... Reanimados por tão grato evento, saudavam incessantemente com vivas de alegria a nova terra dos seus sonhos. – "La Merica", como eles a chamavam, estava próxima. " Viva la Merica... Ecco la nostra speranza!..." Uns choravam emocionados, outros agitavam seus lenços e outros entoavam cantos.

- " Quando saremo in Merica, in Merica vederemo: I siori i mena grassa e le siore le zapa sú..." – Quando chegaremos na América, na América haveremos de ver. Os senhores (do Tirol) carregando esterco e as senhoras a capinar...

O dia estava quente e o céu azul. Pelas 12 horas o navio ancorou no cais do porto de Itajaí, mas ninguém pôde descer à terra.

Aquela tarde e à noite, o tempo foi ocupado na arrumação dos pertences na ansiedade de logo pisar definitivamente na nova Pátria.

Pela manhã do dia seguinte, os imigrantes receberam aviso para desembarcarem, podendo levar consigo tudo o que possuíam. O trabalho foi realizado na mais perfeita ordem, quase em silêncio, entre lágrimas e saudades. Depois, olhando mais uma vez para aquele barco bendito que os tinha abrigado pelo espaço de quase dois meses, se encaminharam para o barracão, que já havia sido ocupado anteriormente pelos imigrantes alemães do Vale do Itajaí, na região de Blumenau. O alojamento situava-se na confluência dos Rios Itajaí-Açú o Itajaí-Mirim, nas antigas terras de Agostinho Alves Ramos.

É impossível precisar a data da chegada do primeiro escalão trentino. Mas é provável que isto tenha acontecido, nos últimos dias do mês de janeiro ou início de fevereiro do ano de 1875, conforme narram as notas de Carmelo Carlini.

O barracão de Itajaí era mal construído, sem conforto e com poucas acomodações. A comida preparada com peixes, farinha de mandioca e feijão serviu apenas nos dois primeiros dias. – "Noi vogliamo la polenta ", diziam. Nós queremos polenta. Foi assim que as próprias mulheres italianas prepararam polenta, nos dias seguintes, sob a admiração das cozinheiras brasileiras ao ver tão estranha comida.

Passadas assim duas semanas no barracão de Itajaí, aquele primeiro grupo de trentinos, recebeu por fim alvissareira notícia de seguir viagem, por via fluvial, para Blumenau, de onde receberiam a posse das terras onde

morariam definitivamente.

Os imigrantes trentinos, foram transportados em barcas impelidas por musculosos remadores, rio Itajaí acima. Era a segunda quinzena de fevereiro de 1875. Como se acontecer nesta época do ano, fazia muito calor, um calor asfíxiante, com prenúncio de trovoadas.

Os passageiros, segundo diz Carmelo Carlini em suas notas históricas, estavam admirados ao contemplar as paisagens que descortinavam através da sua viagem fluvial.

Sem muitos percalços, chegaram a um lugar chamado " São Pedro Apóstolo ", hoje Gaspar, onde desembarcaram. Aí havia um barracão destinado para recebê-los.

Dois dias após a chegada, os Agentes da Colonização, reuniram os homens, dividindo-os em grupos de dez. Cada grupo deveria eleger um representante, que iria com eles.

Demarcadas as colônias e construídas as primeiras moradias, os homens voltaram para levar as famílias e seus pertences.

O percurso de Blumenau a Timbó, foi lento e sacrificado. As mulheres e as crianças viajavam em carroças. Os homens e os rapazes a pé. Uma parte da bagagem era carregada em lombos de burros.

De Timbó até o Km 8 da picada de Pomeranos, foi percorrido a pé por todas as pessoas, porquanto não havia ainda estrada para carroça.

As colônias, das quais tomou posse o primeiro grupo de trentinos, eram bastante acidentadas geograficamente. Os morros férteis e as planícies, úmidas."

DEMARCAÇÃO DAS TERRAS

Em decorrência do Contrato firmado entre o Governo Imperial do Brasil e Joaquim Caetano Pinto, aguardava-se a chegada dos imigrantes. Por isso, já em 1874 as diretorias das colônias Blumenau e Itajaí-Brusque, mandaram seus agrimensores procederem a demarcação das terras devolutas nos vales dos rios tributários do Rio Itajaí-Açú e Itajaí-Mirim. Essas terras medidas e demarcadas, foram destinadas a esses imigrantes.

Relatório do Engenheiro Reginaldo Cândido da Silva, do ano 1887, dá ciência de que no Distrito do Gaspar havia 25 linhas de colonização, com 626 lotes ocupados por 2.731 habitantes, tendo 124 lotes devolutos e 39 lotes abandonados. Dessas 25 linhas, ou estradas, constam as de Barracão, Brilhante, Poço Fundo, Gaspar Pequeno, Batêas, Arraial do Barracão e a de Gaspar Grande.

As demais linhas situam-se nos atuais territórios dos municípios de Itajaí, Brusque e Guabiruba. Quanto à linha de Gaspar Grande, em 1887,

outro relatório informa que os lotes em disponibilidade muito poucos poderiam ser habitados devido à "inhospidez" dos terrenos.

OS IMIGRANTES E SUAS TERRAS

Os imigrantes alojados no barracão em Itajaí eram destinados a duas áreas distintas: na colônia Blumenau, se estabeleceram próximos aos Rios Benedito e dos Cedros, tributários do Rio Itajaí Açu.

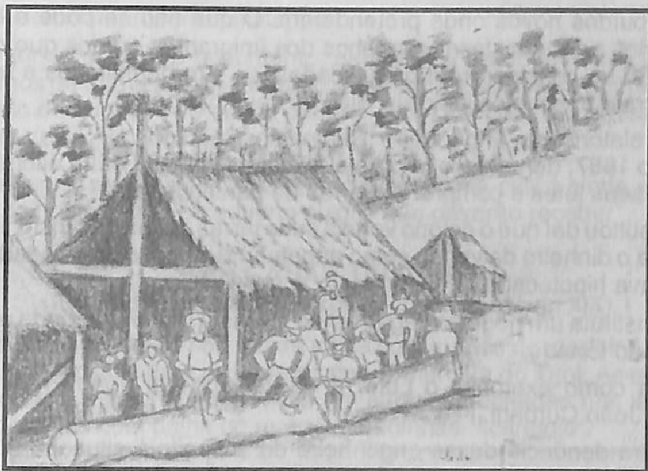
Ficaram sob a direção do Dr. Blumenau. Alguns descendentes destes, notadamente das famílias Mondini, Moretto, Moser, Dalla-Rosa,..., transferiram-se para Gaspar, região de Garuba, no início do século XX, introduzindo ali, o cultivo do arroz irrigado em Gaspar, seguidos por Fachini, Testoni, Dagnoni na região de Gasparinho Quadro. Também, Venturi, Darolt, Sandri e outros estabelecidos nas planícies da Rua Brusque, onde ampliaram as áreas cultivadas com arroz irrigado.

Os que seguiram pelo Rio Itajaí-Mirim, foram recepcionados pelo Diretor da Colônia Itajaí-Brusque e Príncipe Dom Pedro, atual Brusque. Estes marcaram as terras de Gaspar, desde a sua chegada ao Brasil, ou seja 1875.

Uma relação incompleta das famílias italianas chegadas entre 1875 e 1885, publicadas por Ayres Gevaerd, contém os sobrenomes: Alberici, Benvenuti, Barbi, Beduschi, Bertoldi, Bolomini, Bendini, Censi, Costa, Dalla Benetta, Dalcastagne, Da Lago, Fontana, Galassini, Lenzi, Lira, Luchini, Lana, Marchetti, Nicoletti, Ogliari, Pauli, Polli, Tomio.

Outras pesquisas apontam: Zuchi, Cesar, Roncaglio, Fantoni, Melatto, Tonioli, Prebianca, Castolini, Venturini, Zendron, Sansão, Garrozzi, Gaia, Dalçóquio, Berti, Gastaldi, Assini, Saragossa...

Muitos desses imigrantes vinham a pé pela picada do limoeiro de Itajaí até Barracão onde permaneciam alojados num grande barraco construído com ripas, coberto de palhas à beira de um córrego nas proximidades da atual escola Marina Vieira Leal até construírem abrigo sobre seus lotes, então mudavam com toda a família para suas terras. Outros subiram o Rio Itajaí-Mirim, permanecendo em alojamento provisório da Colônia Brusque, ocupando áreas de Brusque, Guabiruba e Botuverá, mais tarde, transpuseram os picos dos morros da Serra do Itajaí povoando as áreas acidentadas do Sul do território Gasparense.



" Enquanto as mulheres e as crianças esperavam nos barracões de recepção, os homens dirigiam-se aos seus lotes para iniciar o desmatamento e construir a primeira "casa" com estrutura e paredes de ripa, cobertas com palhas". Reprodução de fotos antigas, por Leda de Noronha – 1996.

OS PRIMEIROS ANOS NA TERRA PROMETIDA

Os imigrantes mantinham-se nos lotes enquanto havia madeira a derrubar para vendê-la aos engenhos de serra da vizinhança. Quando não havia mais cortes, abandonavam o serviço para irem prosseguir sua tarefa de rachadores nas matas do Estado, pouco resolvidos a preparar a terra desmatada, semear e esperar a colheita.

Nesses lotes abandonados, estabeleciam-se outras pessoas, por ato próprio, sem título, sem autorização.

Essa situação de posse irregular de terras originou a conhecida "Questão Flores". " Algumas famílias abandonaram seus lotes e estabeleceram-se nas terras que eram de propriedade do coronel José Henrique Flores. Flores propôs várias alternativas, para que os posseiros desocupassem as terras, mas não foram aceitas. Recorreu ao judicial que lhe deu ganho de causa. Procedeu pessoalmente o despejo.

Imigrantes queixaram-se de violências praticadas durante o despejo, motivando questão diplomática, numa tentativa de desmoralizar o Brasil, pois as queixas não foram dirigidas ao Governo da Província, mas sim à Legação Italiana e ao Governo Imperial. "A questão judicial final declarou aos imigrantes queixosos, que continuavam à sua disposição os lotes que lhes haviam sido concedidos primitivamente, e que considerados seus, não mais haviam sido dados a outros; e por certo, se eles insistiram em não querer, ser-lhes-

hão distribuídos novos onde pretenderem. O que não se pode é esbulhar proprietários para satisfazer caprichos dos imigrantes ou dos que os aconselham. Se se considerarem prejudicados, se tem benfeitorias a reclamar, que recorram aos meios judiciais, eles ou seus patronos".

O relatório do engenheiro Reginaldo Cândido da Silva, de 30 de novembro 1887, denuncia o fato de que alguns colonos eram aconselhados a vender seus lotes e comprarem terras de particulares.

Resultou daí que o colono vendia suas terras por preços insignificantes, entregava o dinheiro da venda como pagamento da nova propriedade, e esta ainda ficava hipotecada.

Constituíam um negócio ilegal, tendo em vista que o lote ainda precisava ser pago ao Estado.

Cita como exemplo: o Lote nº 18 vendido por João Francisco dos Santos a João Curbani.

Outra denúncia desse engenheiro diz respeito à situação das matas dessa região, que segundo ele, "acham-se devastadas".

Os imigrantes que se estabeleceram nas linhas (estradas) de Brilhante e Barracão receberam lotes muito pequenos. Mediam 7,8 até 15 hectares, enquanto a maior parte recebia em torno de 20 hectares. O preço das terras foi fixado de 1875 a 1882 como sendo de 3 réis a braça quadrada (4,84 m²) para os lotes rurais e 80 réis a braça quadrada para lotes urbanos. Deve-se admitir que eram preços insignificantes, se considerarmos que, naquela época, o preço de uma dúzia de ovos custava de 120 a 240 réis. O preço de um ovo, equivalia a 16 ou 32 m² de terras.

Em outubro de 1877, as finanças do Governo Provincial sofreram um colapso. Foram suspensos os trabalhos nas estradas e os pagamentos. Muitas famílias não poderiam sobreviver sem esses auxílios. Vários foram os pedidos e até protestos junto à Direção da Colônia Itajaí - Príncipe Dom Pedro, entre eles, um documento assinado por Giuseppe Alberici, do Barracão, em 18 de outubro de 1877 e que transcrevemos:

"Todos nós abaixo-assinados colonos da citada freguesia soubemos do Sr. Engenheiro por Ordem do Ilustríssimo senhor presidente que doravante não se fará mais os contratos, mas sim se deve trabalhar a jornadas, mas nós todos recusamos de fazer isto porque fazendo isto, a trabalhar todo o mês para viver, e a nossa colônia não se pode trabalhá-la, portanto nós todos fizemos esta pequena instância para dizer-nos se as coisas vão como sempre foram nós estamos todos dispostos a permanecer aqui no Brasil e se procura fazer-nos passar fome pedimos a Graça de acompanhar-nos na terra onde estávamos. E depois ainda aqui na dita freguesia há quarenta e mais colonos que chegaram no mês de março que muitos não têm ainda as casas feitas em sua colônia". Seguem as assinaturas, a última precedida pela frase:

"Asalutamente non esitiamo di lavorare a giornata e io me fermo (firmo)

per tutti i Colonista, Alberici Giuseppe ".

Segundo o tom do documento, esta última frase deve ser lida: "Não aceitaremos de forma alguma, trabalho à jornada e eu assino por todos". Era um desafio de quem se sentia na obrigação de defender direitos sagrados.

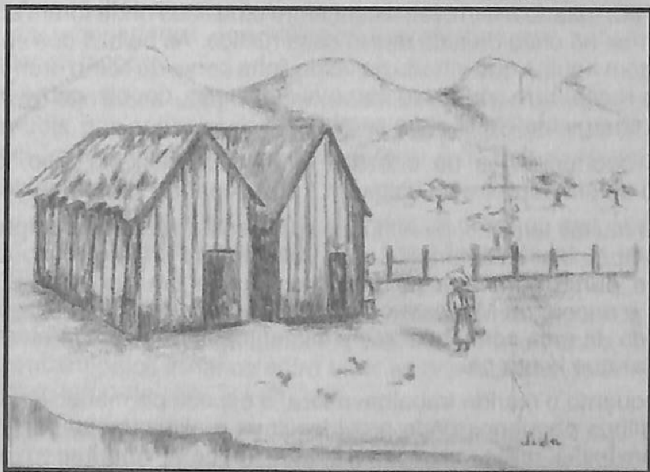
Dois dias depois, o Diretor declarou:

"Segundo meu ponto de vista, os colonos não estão ainda em condições de sobreviver com o pequeno auxílio que deverão receber".

AS CASAS TÍPICAS

(Relato do Padre Luigi Morgano - final do século XIX)

"As casas coloniais são quase todas construídas de madeira. Algumas são feitas de grossos troncos superpostos, à maneira do Tirol. As outras são formadas de quatro grossos troncos em ângulos, fechadas nos lados com tábuas, cobertas com palha do mato ou tabuinhas "scándole".



Depois das primeiras cabanas de ripas, os colonos construíram casas de tábuas como esta. Reprodução de foto antiga, por Leda de Noronha – 1996.

O que observei em todas as casas é ter o ambiente de ingresso como sala de visitas, isso por causa do costume do novo país. Chamam-na sala, apesar de mais parecer com as cabanas que nossos agricultores de Piemonte, costumam construir, anualmente, nos parreirais. Nessa sala há tantas portas quantos quartos há ao redor.

A cozinha é sempre construída à parte.

No centro, há uma lareira e a fumaça que se eleva passeia livre pelo telhado. Pelas paredes, ao redor, estão pendurados os trens de cozinha,

como panelas, gamelas, tigelas, pratos, colheres de pau, colheres, garfos, poucas garrafas e a indispensável caldeira de polenta. Entre esses, encontra também lugar a espingarda à vara. Ordinariamente a cozinha é bastante grande para servir de sala de refeição, reservando-se assim a chamada sala para recepção de forasteiros ou para jantares nos dias de grande festa.

RELATOS DOS DESCENDENTES AINDA VIVOS

A vida dos imigrantes italianos não foi fácil. Algumas histórias de família ainda ilustram essas dificuldades. Certa ocasião, João Batista Nicoletti, seu irmão Valentim, o cunhado Francisco Benevenuti e outro saíram com um cavalo e carga de mantimentos para uma viagem serra-acima. Iam geralmente para Bom Retiro, Encano e proximidades, para trabalharem com serragem manual de madeira. A viagem demorou mais do que o previsto e, como acabaram os alimentos, resolveram sacrificar o cavalo, assar a carne indigesta, tiveram problemas de saúde. Caminharam vários dias. Quando já estavam em estado miserável, alcançaram uma casa onde foram socorridos. Deitaram-se no chão da sala dessa casa rústica. As bolhas dos calos foram furados com agulha que introduzia fio de linha servindo como dreno. Durante dois dias receberam sopa leve como alimentação, depois, carne para recuperar as energias e continuar a caminhada.

As oportunidades de trabalho eram escassas, por isso, os quatro dividiram-se em duplas e só voltaram a se encontrar, dois anos depois.

Em muitas famílias, há histórias como esta: "Modesta sempre contava que dias após o seu casamento com Valentin, ele arrumou roupas e mantimentos e partiu para arranjar trabalho. Quase um ano depois, Valentin retornou e encontrou Modesta com uma filha com mais de um mês de vida retornando da roça com abóboras e alimentos para a vaca. Valentin custou a acreditar que já era pai.

Enquanto o marido trabalhava fora, a esposa permanecia na "colônia" com os filhos pequenos onde providenciava a alimentação para a família. Plantavam feijão, milho, alpim, taiá, batata, abóbora, verduras e o amendoim que também era vendido para comprar algumas roupas, ou atender outras necessidades. As roupas, às vezes, eram remendadas com cipó-imbira, pois linha era artigo de valor.

O relato de curiosidades referentes às festas de casamento, geralmente, contam com o fato de que os noivos e convidados vinham a pé para a Freguesia a fim de se casarem. O noivo carregava duas quartas de milho (15 Kg) nos ombros. Na Freguesia, vendia o milho ao tafoneiro e com o dinheiro, pagava um carro-de-molas para conduzi-los festivamente após o casamento, até a casa.

A escassez de alimentos e conforto era real. Dona Dionisia, uma velhinha moradora nas terras do pioneiro Pedro Bornhausen, ficou na memória dos vizinhos. É que sempre que indagavam dela: "Como vai?", respon-

dia: " Muita miséria, muita miséria!" O lugar até hoje é conhecido como " miséria " e pouco mais acima, fica a "miserinha".

Outro fato triste, descrito pelos velhos italianos, diz respeito aos costumes de velório. Muitos residiam em lugares de difícil acesso, morros altos e grotas. Quando falecia alguém, era então carregado o corpo envolto em cobertor, nas costas dos familiares e amigos. Quando chegasse a lugar plano, então o corpo recebia o caixão, de fabricação caseira, com o qual o falecido era sepultado. D. Margarida Adão recorda que quando "Albino Benha" morreu, tiveram que transportar o esquife, com zorra, devido à grande inclinação dos morros do Gasparinho, próximos à Bateia.

História bastante repetida por muitos italianos da região do Barracão é a de que os "brasileiros" que já viviam por aqui, eram muito acostumados a pregar peças aos outros. Colheram quilogramas de sementes de "mata-pasto" e as ofereceram aos italianos, afirmando-lhes que eram sementes de um tipo de couve. Estes, agradecidos, trataram logo de semeá-las em suas terras, fato que lhes causou prejuízos e aborrecimentos, pois durante muito tempo, as propriedades dos italianos tiveram que ser trabalhadas para exterminar os inços.

Outro fato ainda lembrado com saudades, é o barulho característico do carro-de-bois, que nos caminhos íngremes de Bateia, Barracão e Gasparinho formavam "coro enjoativo", pois eram muitos a transportar farinha, açúcar, cachaça, milho, café...

Para a região de Alto Gasparinho vieram italianos que abundaram as terras recebidas em Lajeado Alto e Alto Plano, no atual município de Guabiruba.

Alguns costumes dos "brasileiros", pessoas procedentes de Porto Belo e Tijucas e estabelecidas em Limoeiro, Barracão, Poço Fundo, foram vivenciados também pelos italianos entre eles: as brincadeiras de boi-de-mamão e cavalinho, terno-de-reis, boi-na-vara.

Estas brincadeiras aconteciam com freqüência, na Praça Pública do Barracão (em frente à casa dos Alberici, atual Escola Estadual).

Nas sextas-feiras santas, faziam-se sabotagens aos vizinhos, abrindo portei ras, deixando o gado solto e assim, prejudicando o dia santificado dos mesmos.

Escreviam-se pasquins que eram afixados em lugar visível da casa do vizinho. Mandava-se pão-por-Deus às pessoas a quem se queria bem. Nos dias de entrudo, ou seja, carnaval, preparavam-se sacanagens, enchendo folhas de inhame com água fria para molhar os amigos desprevenidos que eram também alvo de lamã e fuligem de fogão.

Os brasileiros também eram especializados em domar animais para os trabalhos nos engenhos, carros e carroças.

Memória sobre os italianos em Gaspar, foi descrita pelo ilustre gasparense Henrique Pedro Zimmermann *1900 +1971. Descrevemos na íntegra esta "Reminiscência" que ilustrará este assunto:

"Entre os grupos étnicos que se radicaram em Gaspar encontrava-se também o que era conhecido por "italianos", mas que na realidade era um grupo tirolês.

Não sei por que razão esses italianos fixaram-se na montanhosa região conhecida por Gaspar Pequeno, uma região de terras fracas e de difícil amanho. Talvez isso tenha acontecido, porque quem os para lá encaminhou, lembrou-se de que vinham de uma região montanhosa da Europa e se sentiriam melhor em região semelhante no Brasil. Na realidade as terras do Gaspar Pequeno pouco produziam, por isso costumavam chamar aquela região pela depreciativa designação de Miséria.

Os italianos que lá residiam, eram homens laboriosos e tudo faziam para arrancar de suas terras o máximo proveito possível. Assim, iam vivendo uma vida se não opulenta, pelo menos de um certo bem estar.

Dada a impropriedade daquelas terras de produzir cana de açúcar, o produto que dominava a exploração agrária em Gaspar naqueles tempos, eles mais se dedicavam ao cultivo do milho e à criação de pequenos animais domésticos. Alguns deles tentaram o cultivo da videira, sem dela conseguirem tirar maior proveito.

As ladeiras íngremes de suas terras, obrigavam aqueles homens a servirem-se de burros de cargas como meio de transportes, mais comumente de burricos. Conduzindo os seus produtos com esses animais até a cidade, constituíam a nota pitoresca no movimento da rua principal. Animais teimosos, por vezes bastante indóceis, que eram os burricos. Frequentemente, acontecia que não mais queriam dar um só passo para frente, quando se viam num ambiente estranho para eles, na cidade. Seus donos, quando os burricos empacavam, usavam de todos os ardis para fazê-los caminhar e então, quando os asnos com isto se aborreciam demais, repentinamente saíam de sua imobilidade, não para caminhar, mas para arrancarem-se aos corcovos em qualquer direção, derrubando a carga e livrando-se das cangalhas que traziam no lombo, distribuindo coices para todos os lados até finalmente, ficarem parados mais adiante. A cena causava hilaridade a todos que a presenciavam pois os donos dos rebeldes animais ficavam grandemente irritados e mais ainda contribuíam com isto para tornar a cena muito pitoresca.

Esbravejando e gritando, procuravam reconduzir os indóceis animais até o lugar onde tinham derrubado a carga e pôr-lhe novamente a cangalha e carga no lombo.

Feito isso, os burricos filosoficamente seguiam o seu caminho como se nada tivesse acontecido olhando os seus donos como que com certo desprezo, enquanto estes continuavam a xingá-los com toda sorte de "mimosei-

ras" que só os irracionais ouvem sem se vingar das ofensas recebidas. Por muitos anos os italianos assim traziam os seus produtos à cidade e só passaram a usar carroças, quando o seu bairro foi servido de alguns caminhos mais bem cuidados.

Para chegar à cidade, os italianos passavam por uma pequena baixada onde sempre um rebanho de cabritos costumava pastar à beira do caminho. O chefe do rebanho, um vistoso e encorpado bode, provavelmente não gostava das vermelhas saias de baeta que as mulheres italianas naquela época costumavam usar. Vinham elas com as suas cestas cheias de ovos de batata doce, ou de frutas. O bode as deixava passar, aparentemente sem delas tomar nota, mas quando menos esperavam, ele as atacava pela retaguarda, derrubando-as ou fazendo com que corressem. Então era um Deus nos acuda! Cestas derrubadas derramavam pelo chão o seu conteúdo.

Entre ovos quebrados as cabras vinham correndo para devorar as batatas doces e as laranjas. As mulheres, com grande gritaria batiam nelas com os seus bastões e quem mais era visado pelas porretadas até se por em fuga era o bode causador de todo esse alvoroço.

Não há porém mal que sempre dure. Um dia as cabras desapareceram da beira da estrada. É que cansadas de pedir ao dono das mesmas que não as deixasse por lá andar livremente sem por ele serem atendidas, porque o malvado achava engraçado o que costumava acontecer, uma das senhoras armou-se de uma garrucha e com certo tiro derrubou o perigoso bode. O dono deste, vendo seu animal de estimação morto fez queixa ao delegado de polícia. Este depois de ouvir as partes e as testemunhas e depois de meditar bem o caso resolveu passá-lo ao Juiz de Paz, porque achava que o caso era por demais complicado para ser resolvido pela polícia.

Era matéria que implicava direitos e que só através da aplicação das leis competentes podia ser resolvido. O Juiz de Paz, homem conspícuo que costumava vestir seu melhor terno de casemira quando presidia as audiências também meditou muito sobre o caso e enfim o resolveu desta maneira: O dono do bode infringiu as leis porque deixava o animal andar solto fato ainda mais agravado pela circunstância de ter o animal ofendido pessoas que usavam o caminho onde ele costumava andar solto.

A mulher não tinha o direito de matar o animal mas como foi por este ofendida cabia-lhe o direito de livrar-se dele. Como o matou devia pagá-lo a seu dono. Uma vez que pagava o preço do animal e como este lhe havia causado prejuízo, o animal morto passaria a pertencer-lhe e ela podia levá-lo para casa, para aproveitar a carne. Mas, como a esta altura dos acontecimentos a carne do bode já estava se deteriorando portanto impréstável para o consumo continuou a setenciar o Sr. Juiz de Paz o dono do bode devia compensar à mulher o prejuízo que o bode lhe causou; esta por sua vez, devia pagar ao homem o preço do bode por ela morto.

Avaliando bem as cousas nada havia que pagar pelo dono do animal

nem pela mulher prejudicada todavia prosseguiu o Sr. Juiz de Paz em sua sentença cabia ao delegado de polícia apreender a arma do "crime" e guardá-la na delegacia até que a mulher a resgatasse mediante o pagamento de uma multa e o dono das cabras pagaria também uma multa por ter deixado as mesmas andar soltas e ofender os transeuntes.

Como se vê foi uma sentença quase que salomônica e assim teria sido qualificada não se opusesse a isto a modéstia do ilustrado homem da lei. Contudo, ela foi grandemente apreciada por todos que dela tiveram conhecimento.

Residia em Gaspar Pequeno, naquela época um homem de cor um dos poucos que então havia em Gaspar. Era casado com uma mulher italiana e era dono de uma pequena serraria. Quase que diariamente vinha com sua carroça puxada por dois fortes burros, para trazer madeira serrada para um depósito da cidade. Sempre o via e de quando em quando com ele conversava. Certo dia, meu pai foi por ele solicitado para que fosse demarcar o seu lote de terras a fim de por fim a uma velha dúvida entre ele e um seu vizinho quanto às divisas. Como era época de férias tive licença de acompanhar meu pai e numa clara e fria manhã montamos a cavalo e nos dirigimos à casa do preto. Lá chegados depois de soltos nossos animais no pasto foi-nos servido um café acompanhado de broa de milho, depois do que iniciou-se a demarcação das divisas. Começando num estreito vale a divisa do lote prosseguia na encosta de um íngreme morro subindo por este até o seu cume, descia do lado oposto, depois num pequeno trecho de outro estreito vale, para depois subir novamente o morro e finalmente voltar ao estreito vale da partida. As subidas e descidas em grande parte numa picada em meio do mato, requereu grande esforço físico de todos que trabalhavam na medição. Eu firmemente acompanhei toda a medição mas depois de algum tempo comecei a sentir grande fome. O esforço das subidas o ar puro que ali se respirava e o frio pouco abrandado pelo fraco sol de inverno certamente muito contribuíram para aumentar a minha fome aliás uma quase constante no meninos de meu tempo que além de sadios sempre estavam em movimento em brincadeiras e em folguedos.

Quando finalmente já quase às 14:00 h. chegamos de volta à casa do preto, a senhora dele, uma italiana corpulenta e jovial estava nos esperando com o almoço. Sobre a mesa limpíssima estava um grande bolo de polenta e ao lado deste um prato com torresmos de toucinho e outro com queijo frito.

Com fino arame a mulher cortava grossas fatias de polenta que nos servia, ora com queijo, ora com torresmos. Nunca na minha vida comi um almoço tão gostoso, nunca comi com maior apetite e nunca mais me esqueci deste para mim gostosíssimo almoço. Foi um almoço simples, mas a fome a gostosa polenta e os torresmos tostadinhos me faziam apreciar como verdadeira delícia.

Ainda com respeito a este casal lembro-me de que possuíam quatro

filhos. O pai era um bom homem de estatura quase frágil e de pouca altura. A mãe também de baixa porém corpulenta estatura. Os filhos, comparados com os pais eram verdadeiros gigantes. De porte ereto de corpos bem proporcionados e tez morena, eram belos espécimes de uma miscegenação tão incomum em nossa região. Conhecia muitos dos italianos e com muitos fiz amizade. Sempre bem dispostos davam-me a mim o menino uma importância de homem adulto. Gostava muito das boas laranjas que traziam numa época em que em nossos laranjais já não havia mais nenhuma. É que na região do Gaspar Pequeno demoravam mais a amadurecer e se conservavam por mais tempo nas árvores do que as nas terras planas à beira do rio. Apreciava também as histórias alegres que contavam o seu linguajar típico tão pitoresco. Contavam coisas de seus antepassados dos primeiros tempos quando se fixaram em Gaspar Pequeno. Entre os velhos havia alguns que sabiam algo sobre a guerra entre a Itália e a Áustria e sobre ela sabiam contar coisas interessantes. Com eles aprendi muitas expressões da língua italiana e freqüentemente as usava para "brilhar" diante de meus companheiros de brinquedos.

Assim vão aqui mais algumas lembranças do meu tempo de infância. Não sei qual a causa de lembrar-se tanto de coisas insignificantes e de tão pouca importância para muitos. Provavelmente as fixei em minha mente porque sempre senti muito amor à minha terra tão pequena mas tão amena e agradável que é para mim. Sempre dela me lembro e são exatamente estas lembranças de nossas pequenas pátrias a minha e a de todos que nasceram em algum lugar neste grande Brasil a nossa "Heimat", como dizem os alemães que produzem em nós este nobre sentimento, que é o patriotismo".

Em correspondência das décadas de 1870 e 1880, vários ofícios foram enviados às autoridades superiores, com objetivo de reclamar ou relatar o mau comportamento dos italianos. Entretanto, " análise profunda mereceria o binômio alemães x italianos. Os alemães se haviam estabelecido antes, com boas lideranças em terrenos férteis próximos às vias de comunicação com apoio de companhias colonizadoras e comerciais da Alemanha. Detinham o poder político, social e econômico. Os italianos, mascates, pequenos industriais, não aptos à agricultura. Mas de repente há milhares de colonos italianos. E aos poucos demonstram que são bons colonos, que em reduzido espaço de tempo, conseguem ombrear-se aos alemães.

NASCEM OS MUNICÍPIOS DE BLUMENAU E BRUSQUE

Em 4 de fevereiro de 1880, o Presidente da Província, Olímpio de Souza Pitanga, sancionou a Lei nº 860 que desmembrou do município de Itajaí as Freguesias S. Pedro Apóstolo de Gaspar e São Paulo Apóstolo de Blumenau, para se constituírem um município autônomo com sede em Blumenau que passou à categoria de Vila.

Em julho de 1882, realizou-se a primeira eleição para a primeira

Câmara Municipal. Contavam quarenta e nove eleitores, sendo quatorze do Distrito de Blumenau e trinta e cinco de Gaspar. Foram eleitos vereadores: Luis Sachtleben, Otto Stutzer, Jacob Zimmermann e Francisco Sálvio de Medeiros (os 2 últimos de Gaspar), Juíz de Paz Dr. W. Eberhardt, Júlio Baumgarten, Francisco da Rocha e Guilherme Scheeffeffer. No dia 30 de julho, foram eleitos três vereadores faltantes: José Henrique Flores Filho, José Joaquim Gomes (os 2 de Gaspar) e Henrique Watson. Suplentes: Adão Schmitt de Gaspar e Guilherme Scheeffeffer de Blumenau.

A partir de 1880, a História de Gaspar confunde-se com a própria história de Blumenau até 1934, quando aconteceria a emancipação política de Gaspar que passou a município autônomo, pois a maior parte do território do atual Gaspar, formou de 1880 até 1934 o segundo distrito do Município de Blumenau.

As terras ao sul do atual município de Gaspar passaram, a partir da Lei Provincial nº 920 de 23 de março de 1881, a fazer parte do município de S. Luiz Gonzaga atualmente Brusque, cujos limites a Lei que criou o município determinou: a leste o Ribeirão da Limeira, ao sul o Morro dos Polacos, a oeste até onde começam os terrenos devolutos e ao norte a fazenda do Tenente Coronel Henrique Flores. As regiões de Barracão, Bateia, Óleo Grande, Poço Fundo, Gaspar Pequeno e outros constituíam estradas coloniais do município de Brusque até o início do Séc. XX, quando esta área territorial passou a fazer parte de Gaspar.

AS FESTAS

A Semana Santa era celebrada com muita oração. No sábado santo, às 9h. procurava-se lavar os olhos numa fonte de água ou num riacho próximo da residência familiar. Na Páscoa cozinhavam-se ovos de galinha e depois de pintados com tinta caseira, as crianças se divertiam disputando-os no tiro ao alvo com uma moeda de um vintém. O acertador tinha o direito de comer o ovo.

As festas natalinas começavam com a novena e terminavam com as de "Benegateôu Reis. O ponto alto do Natal, era sempre o Menino Jesus (Bambinel) cuja imagem a família colocava na sala ou no quarto numa mesinha enfeitada. Cria-se piamente no Menino Jesus, portador de presentes. Os pais, por sua vez, não revelavam o segredo aos pequenos e suas conversas giravam sempre sobre a festividade.

A "Santa Notte" era cantada por grupos de cantores que iam de casa em casa pelo espaço de quinze noites, levando as boas festas e lembrando o mistério do nascimento de Jesus Cristo.

Na festa do Natal, as crianças se divertiam colocando na soleira da porta, um pratinho com sal para o burrinho se alimentar na sua passagem

carregado de presentes. Pela manhã, encontravam, no pratinho, o presente tão desejado.

Cuidava-se com esmero da limpeza do estábulo, deixando-o perfeitamente em ordem para a noite de Natal. Em alguns deles se colocavam velas acesas e se iluminava, também o percurso da estrada até a residência. Alguns homens, passavam a noite em claro rezando e visitando o estábulo.

Uma pequena árvore de Natal ornamentava a rústica salinha de estar, iluminada com lâmpada a óleo.

Grupos de cantores percorriam as famílias, carregando um pequeno presépio e uma grande estrela iluminada, cantando "La Santa Notte". A festa de Natal se prolongava por três dias. O primeiro em casa, os outros dois visitando os parentes. As festas natalinas, porém, se prolongavam até à Epifania.

Também o Primeiro dia do ano, celebrava-se com muita festa. Ao amanhecer, as crianças corriam à casa dos avós e padrinhos para cumprimentá-los e pedir-lhes um presente. – "Bon di bon an, deme le vosse bone man a mi". – Bom dia, feliz ano novo, dai-me um presente. Geralmente ganhavam uma moeda de 1\$000, um doce ou um lãncinho.

Finalmente a festa dos Santos Reis, Epifania, encerrava os festejos natalinos. O povo então dizia: "L'Epifania, tutte le feste la le paravia". Tudo terminava e a vida normal voltava novamente aos lares felizes.

"LA SANTA NOTTE"

- 1* In questa Santa Note nel'Oriente
Se ne comparve una lucente stela
- 2* - I tre Re Maggi di continuamente
Dodici giorni seguitando quela
- 3* Senza saper ne uno e l'altro niente
Se ritrovaron'in una strada bela
- 4* - E giunta insiem una gran signoria
Se ne andarontutti in compagnia
- 5* In compagnia tanto se ne andarono
Fin che a Gerusalemme fu'arivatti
- 6* - Dentro di un bel palazzo si alogiarono
Come signori di clemencia ornatti
- 7* Allora egli li dimandarono
Dove un picol fanciul Gesu era nato
- 8* - Che noi abbiamo visto un chiaro segno
Di una stela relucente a fido
- 9* E gli rispose che nascer do vea
In Betleme, terra di Giudea
- 10* Il Re Erode, quando inteso questo
Se ne tubo, e Gerusalem'intera
- 11* - Il Re Erode, i Maggi fe chiamare
E gli parlo col suo parlar clemente
- 12* Che gli facessen grazia di narrare
Dove un picol fanciul Gesu era nato
- 13* - Che noi siam disposti a'dorarlo
E come sono Re di venererlo
- 14* Allora i Maggi via se ne andarono
Dal Ré Erode la sua mente udita
- 15* - E la perduta stela ritrovarono
Con quel splendor che si era smarrita
- 16* E tutti tre insieme si alegrarono
E ringraziaron'la Bontà infinita
- 17* - Sempre la stela gli mostrò la via
Dov'era Gesu, Giusepp'e Maria
- 18* Quando fu' giunti, presso la capana
La stela si termò sopra di loro
- 19* - Trovaron'la figlia di Sant'Ana
Col Figlio in braccio senza far dimora
- 20* Col presentarsi chaschedun si afana
Col ofrir incenso, mirra ed'oro
- 21* - Gásparo il prim-che s'apressó
El prim' don al buon Gesu donó
- 22* E gli dic'io trovo scritto nele carte
Che tu seil il vero Dio perfeto
- 23* - Ed io per vero Dio ti adoro
E ti voi donar 'isto incenso si odoroso
- 24* E dopo questo si tiró da parte
E si fece a avanti Baldassare
- 25* - Questo fu il Maggio secondo
Se, inginocchiò in terra umil'e piano
- 26* E dice al Re che rege tutto il mondo
Vero Dio ed Uomo Umano
- 27* - A te s'impone questa amra mirra
Significando la tua gran passione
- 28* Dopo questo si tiró al'altra parte
Esí fece avanti quel piu giovine
- 29* - Melchior fu il ultimo Maggio
Che alesti aveva il suo vaseto
- 30* E gli dice io ti adoro
E ti vó donar 'sto vaso pien d'oro
- 31* - Gesu vero Messia
Prese le oferte i Maggi se n'andarón via
- 32* Ecco che aparve l'Angelo e i'impone
Che dal Re Erode non fecen la via
- 33* - Via per altre strade se ne andarono
Fin che ala Páttria sua ritornarono
- 34* Al nome di Gesu, Giusepp'e Maria
Ariverderci un'altra Epifania.

EXPRESSÕES E DITOS POPULARES DOS ITALIANOS

Mi me lavo le man
Quanti ei en tutti, pò?
Mi magno sol che vent
Le gue core drio tutte
A dir la verità, cossita la è
No dà gnente de bon
Và via snason da chi
Senza dir gnent, el se la tola
No gò gnanca n soldo n la scarsela
Magnè se la ve piase la polenta
L'è pezo den orbo
Oh! si, si, si, poreto!
Addio, savè
No l'è bon da gnent
Ben, bonasera
Diseme sù n'ave maria
Porco den cagn!
Nelà che mi no ghel credo, nò!
Cossa volè far, pò
Scoita, mò
Oh! Dio! Dio!
L'è restà stupidi
Poret mi, poret anca ti
Mi me son trat en drio
Fin che la dura, mai paura
Valà, valà, gnoc!
Valà, valà, brotolon
Mi e ti
Gambe storte, poche porte
Sat mi cossa che te digo?
El vin l'èl lat dei vecchi
Và for dai coioni
Na scodega no la val na luganega
Senza levà no se fà pan
Sen nega pu n tel vin, che n te
l'acqua
Cosi è la vita, mezza storta
mezza drita
Ros come el diaol
L'arbol della cucagna
Beati i ultimi se i primi i è prudenti

El và ch'el brusa
L'en talian scet
Gras como 'n porco
L'è revers come el me om
L'è stonà come na vaca
Noi gà bona recia

Eu me lavo as mãos
Quantos são ao todo?
Eu não entendo nada
Ele é sempre infeliz
Na verdade, é isso
Não dá nada de bom
Retira-te chereta
Sem dizer nada, doi embora
Não tenho nem vintém no bolso
Come, se gosta de polenta
É pior que um cego
Coitado!
Adeus
Não vale nada
Boa tarde
Reze uma Ave Maria
Cachorro!
Não acredito
O que fazer?
Escuta
Meu Deus!
Ficou admirado
Pobre eu, pobre você, também
Fiquei admirado
Sempre com coragem
Pobre coitado
Resmungão
Eu e você
Pernas tortas, poucas tortas
Sabe o que te digo?
O vinho é o leite dos velhos
Sai daqui
Nada, não vale nada
Sem fermento não se faz pão
Se afogam mais no vinho do que
na água
Assim é a vida, um pouco certa
um pouco errada
Vermelho como o diabo
A árvore da abundância
Felizes o últimos, se os primeiros
forem discretos
Corre em alta velocidade
É mesmo um italiano
Gordo como um porco
É lunático como o meu marido
Desafinado como uma vaca
Não entende nada de melodia

Testardo come 'n sas
Ghè saltà la rabia
Sordo come na mula
Cativo come na siraca
L'en schifos den brontolon
Toleven sù en sin ch'en ghenè,
quando non ghenè pù, vardè en sù.
El vin el fà sangue e la farina
fiaca le gambe
L'om che nol gà religion, l'è na bestia
senza paron
El sifolot l'è fat par sifolar
Và te far onzer
Preti e capitei, toleve zò l capel e
rispetei
Quando el Signore Dio nol vol,
gnanca l'om nol pol
No ghè ladrone che no gabia la so
devozion
Lavori fati alla festa i và dalla
finestra
Val depù la pratica che la grammatica
Impara l'arte e metela da parte
Avanti col Cristo, che la procession
la è longa
Chi vol esser ben guardà, ch'el vaga
a messa scominzia

Opinioso como uma pedra
Ficou raivoso
Surdo como uma mula
Raivoso como jararaca
Um chato murmurador
Tire até que tem, quando não tem
mais, olhe para o alto
O vinho faz sangue e a farinha
enfraquece as pernas
O homem sem religião é como um
animal sem dono
O flautin foi feito para tocar
Saia daqui
Padres e igrejas levantai o chapéu
e respeitai-os
Quando Deus não quer, nem o
homem pode
Não há ladrão que não tenha devoção
Trabalhar ao domingo é perder
tempo
Vale mais a prática que a gramática
Aprenda uma arte e deixe-a de lado
Adiante com Cristo, porque a
processão é comprida.
Quem quer ser visto, vá à Missa
já começada.

PROVÉRBIOS E SENTENÇAS

El mal el ven a caval e dopo l và via a pè
El son l'è na mort picola. Se more alla sera e se vive, alla mattina.
La bestia che no la paravia le mosche colla coa, la more.
I morti i daverze ia occi ai vivi.
La poverella perde la parentella.
El vivo fà la guerra, el mort và per terra.
Col canon, tutti i gà reson.
Figlia da maridar, ossi da rosegare.
La carità và dal lus e la ven dalla finestra.
En bon gromial, no ghe manca mai en bon cappel.
Gnanca l'asen nol scoria la coa per gnent.
Bisogna onzer le rode, parche el car nol ziga.
Chi vol na bona risposta, el và da so posta
Chi ride da vendro, el pianze de domenega.
El diaol l chega sempre sul mucio pu grando.
L'è meio vin torbol, che acqua ciara.
Seren fat de not, l'è come n'asen che l và de trot.
Quando la rana la canta, el tempo l cambia.
Goba a ponente, luna crescente, goba al levante, luna calante.

Nugole rosse di sera, bel tempo si spera.
 Coi soldi se fà balar anca l'ors.
 En do che ghe boazze, ghè vache.
 Nugole a pan, se noi piove ancoi, el piove doman.
 Nugole rosse alla matina, ol sventa ol spiovesina.
 Sol a spiazzi, acqua a sguazzi.
 Arcobaleno da mezdì, bon empo tutal di.
 Aqua e sol, la campagna la và de vol.
 El mes de marz, l'è marz.
 L'è sù i pontarol che se cognosse i boi.
 En temp d'istà, el piove a volontà.
 La bot la dà l vin che la gà
 Chi no gà fam, o l'è malà o
 l'ha magnà.
 Que che no strango'a, l'engrassa.
 L'è meio dir poret mi che poret voi.
 La carta e l'asen, i porta tut quel che se ghe mete sù.
 Magna ti, che magno anca mi tasi ti, che taso anca mi.
 Chi fà la festa, noi la gode.
 Soldi i fà soldi e pioci i fà pioci.

ORAÇÕES MAIS COMUNS

- 1 – Nel nome del Padre, del Figliuolo e dello Spirito Santo – Così sia
- 2 – Sia lodato e ringraziato ad ogni momento, il santissimo e divinissimo sacramento.
- 3 – Gesù d'amor acceso / che non vi avessi mais offeso / oh mio caro e buon Gesù / con la vostra santa grazia / non vi voglio offender più.
- 4 – Gesù, Giuseppe e Maria, vi donno il cuore e l'anima mia.
 Gesù, Giuseppe e Maria, assistetemi nell'ultima agonia.
 Gesù, Giuseppe e Maria, Spiri in pace con voi l'anima mia.
- 5 – L'ave Maria.
 Dio ti salvì, oh Maria! Tu sei piena di grazie, il Signore è teco,
 Benedetta tu sei frà le donne e benedetto è il frutto del tuo ventre, Gesù.
 Santa Maria, Madre di Dio, prega per noi peccatori, adesso e nell'ora della nostra morte. Così sia.
- 6 – Oh Bambino mio divino / io ti vedo qui a tremar:
 Oh Dio beato / ah, quanto ti costò / l'avermi amato.
- 7 – Vago a leto, coll'Angelo perfeto. Coll'Angelo di Dio.
 Non son certo da levare. Voi, Signore, che savè, tre grazie me darè:
 Confession, Comunione e Oio Santo, nel nome del Padre, del Figliuolo e dello Spirito Santo. Così sia.
- 8 – Padre Nostro
 Padre Nostro, che sei nei cieli, sia santificato il tuo nome, venga il tuo reingno, sia fatta la tua volontà, come in cielo così in terra. Dacci oggi il nostro pane quotidiano,

e rimetti a noi i nostri debiti come noi li rimettiamo ai nostri debitori, e non ci indurre in tentazione, ma liberaci dal male.

ALGUNS COSTUMES

No início não havia luxo e nem roupa especial. Tudo era muito simples. O dever acima de tudo, era a tarefa mais importante. As mulheres e as moças trajavam um vestido comprido, que caía até os tornozelos. Cobriam-se com um lenço amarrado na cabeça pelas duas pontas atrás da mesma. Em geral andavam descalças e muitas vezes carregavam o calçado para colocá-lo na hora oportuna.

Os homens usavam bigodes compridos, barba caprichada, chapéu e colete, e terno simples. Fumavam o cachimbo, em geral feito da casca de uma amêndoa de árvore do mato, com piteira de bambu.

Chamavam esse tipo de cachimbo "la bosca" e era apreciado por todos os fumantes.

Alguns imigrantes trouxeram ou adquiriram cachimbos especiais de 50 e até 80 cm de comprimento em forma de saxofone. Finalmente não podia faltar a caixinha do rapé para fungar alguma pitada de vez em quando, que passava de mão em mão no meio do grupo.

Como no início não havia bares, não havia também bebidas.

Por isso aos domingos, os homens passavam a tarde em casa de amigos, jogando cartas, boccie, cantando e tomando alguma bebida de fácil produção nos primeiros alambiques e pipas. À noitinha, voltavam para casa, alegres para retomarem bem cedo o caminho da roça no dia seguinte.

Só era permitido o namoro (filó) na presença dos pais. A cerimônia do casamento se fazia na igreja de manhã bem cedo. O vestido da noiva era preto, comprido e enfeitado. Tinha que cingir-se com um avental simbólico do trabalho, xale preto e sem véu na cabeça.

O noivo e todos os convidados carregavam na lapela um laço de fitas de papel colorido. Também os cavalos e as carruagens eram enfeitados com o mesmo papel, oferecendo um espetáculo curioso e inédito. Os foguetes espoucavam no percurso de retorno do casamento e durante o dia todo na casa do noivo. Um gaiteiro executava o seu repertório musical alegrando os convivas até a noitinha.

Nos primórdios da imigração, como não havia foguetes, usavam-se as espingardas, cujas descargas reboavam pela mata virgem.

Ao almoço, realizando na casa do noivo, serviam-se: — "gnochi, lasagne, spaghetti, fregolotti" e de tudo um pouco. À noitinha, os convidados se retiravam e os recém-casados podiam descansar, para na próxima segunda feira, iniciar sua nova vida na lavoura.

Os viúvos casavam-se na quarta-feira sem aparato. Os vizinhos, po-

rem, conhecedores do evento, se reuniam à frente da casa dos recém-casados, noite a dentro, batendo latas e caixas improvisadas, até que lhes fosse franqueada a porta e saciados por um aperitivo.

O folclore da debulha do milho é outra nota importante. Para isso, convidavam-se os vizinhos para debulhar sacos e sacos de milho, até altas horas da noite, trabalhando, cantando e "bebendo".

Mulheres em determinadas noites se reuniam na cozinha, em casa de amigas para fiar e contar "frotle", enquanto os maridos esperavam na sala de estar jogando ao "tre sete" ou "alla mora", com um garrafãozinho no centro da mesa, que aos poucos ia-se esvaziando...

Os italianos detacavam-se entre os vizinhos de outras etnias, pela tradição de curar ou tratar doenças hepáticas através de simpatias ou remédios caseiros.

As "trizas" ou "perda de fel" como era chamada a icterícia, era tratada ingerindo piolhos dentro de banana, manteiga ou banha, três vezes ao dia. Alguns curandeiros iam de casa em casa ajuntando piolho que era guardado em vidrinho para servir aos doentes, como sendo o último recurso para a cura.

CÓPIA DO CONTRATO CAETANO PINTO

"Contrato entre o Governo Imperial e Joaquim Caetano Pinto Júnior para a introdução, por meio deste ou de uma companhia no Brasil, no período de dez anos; de 100.000 (cem mil) imigrantes, sob as seguintes condições:

I
J.C. Pinto se obriga, por meio ou de uma companhia ou sociedade que poderá organizar, a introduzir no Brasil (com exceção da Província do Rio Grande do Sul), num período de 10 anos, 100.000 imigrantes alemães, austríacos, suíços, italianos do norte, báscos, belgas, sueços, dinamarqueses e franceses, agricultores sadios, trabalhadores de boa moral, nunca menores de 2 anos, nem maiores de 45, salvo os chefes-de-família. Destes imigrantes, 20% podem exercer outras profissões.

II
O período de 10 anos começará a correr depois de 12 meses, calculados da data de elaboração do contrato; o empresário, porém, poderá iniciar a introdução de imigrantes antes do fim dos 12 meses, se o Governo permitir.

III
O número de imigrantes não superará os 5.000 no primeiro ano, podendo ser elevado a 10.000 se o Governo assim estabelecer, mas nos anos sucessivos o empresário será obrigado a introduzir até 10.000, sendo qualquer excesso dependente do prévio consentimento do mesmo Governo.

IV
O empresário receberá por adulto as seguintes subvenções: 120\$000 réis para os primeiros 50.000 imigrados; 100\$000 para os 25.000 sucessivos; 60\$000 réis para os últimos 25.000, e a metade destas subvenções para os menores de 12 anos e maiores de 2.

V
Estas subvenções serão pagas junto a Corte, assim que for provado que os imigrados foram recebidos pelo funcionário competente no porto de desembarque da província à qual eram destinados.

VI
Nem o Governo, nem o empresário poderão receber dos imigrantes, a nenhum título, as cifras gastas como subsídios, ajudas, transportes e alojamentos dos mesmos.

VII
O Governo concederá gratuitamente aos imigrantes hospitalidade e alimentação durante os primeiros 8 dias de sua chegada, e transporte até as colônias de Estado às quais se destinarem.

VIII

Igualmente garantirá aos imigrantes que quiserem se estabelecer nas colônias do Estado a plena propriedade de um lote de terra, com as condições e os preços estabelecidos pelo Decreto nº 3.784 de 19/01/1867; obriga-se, além disso, a não elevar o preço das terras de suas colônias sem avisar o empresário com 12 meses de antecedência.

IX

Os imigrantes terão plena e completa liberdade de se estabelecer como agricultores nas colônias ou nas terras do Estado, que escolherão para sua residência, em colônias ou nas terras do Estado, que escolherão para sua residência, em colônias ou terras das Províncias, ou de particulares; assim como de encontrar emprego nas cidades, vilas e aldeias.

X

Os imigrantes virão espontaneamente, sem compromisso nem contrato algum, e por isso nenhuma reclamação poderá ser feita ao Governo, tendo somente o direito aos favores estabelecidos nas presentes cláusulas, e disso estarão completamente concientes.

XI

O Governo designará com precisa antecedência as Províncias onde já existem ou virão a se formar colônias, a fim de que os emigrantes já conheçam da Europa os pontos onde poderão se estabelecer.

XII

O Governo nomeará, nos pontos nos quais se efetuará o desembarque dos imigrantes, agentes-intérpretes que ao mesmo tempo fornecerão todas as informações de que necessitarem.

XIII

Todas as expedições de imigrantes serão acompanhadas de listas, as quais conterão o nome, a idade, nacionalidade, profissão, estado civil e religião de cada indivíduo.

XIV

No transporte dos imigrantes o empresário é obrigado a fazer respeitar as disposições do Decreto nº 2.168, e 1º de maio de 1858.

XV

O Governo pagará ao empresário a diferença de preço da passagem entre o Rio de Janeiro e as províncias para as quais serão enviados imigrantes diretamente da Europa, quando tais províncias não estejam em comunicação direta e regular por meio de vapores com a Europa, e o empresário deve fazer atracar nos respectivos pontos vapores de outras linhas por ele fretados.

XVI

As questões que surgirem entre o Governo e o empresário, a respeito de seus direitos e obrigações, serão resolvidas por árbitros. Se as partes contratantes não concordarem pelo mesmo árbitro, nomearão cada uma o seu e estes designarão um terceiro, que decidirá definitivamente no caso de paridade. Se não houver acordo sobre tal árbitro, será escolhido por sorteio um Conselheiro do Estado que terá voto decisivo.

XVII

O empresário será obrigado a repatriar a suas custas os imigrantes que tenha introduzido fora das condições da cláusula I, e que o exijam, cabendo igualmente ao Estado alojá-los e sustentá-los até sua repatriação, além de perder o direito ao subsídio correspondente a tais imigrantes.

XVIII

Do mesmo modo não poderá transferir este contrato senão à companhia ou sociedade organizada na forma da cláusula I.

OBSERVAÇÕES

O contrato portanto estabelecia a viagem gratuita; cláusula VI, juntamente com todas as outras vantagens previstas no decreto 3.784, cláusula VIII. Previa também uma completa informação sobre as possibilidades de emprego nas colônias, fazendas ou outros e a liberdade de escolha, cláusula XII. Mesmo entre tantas vantagens, deve ser sublinhada a cláusula X do contrato. Liberava, até legalmente o Estado brasileiro de quaisquer responsabilidades em confronto com os imigrantes.

O imigrado tinha escolhido espontaneamente vir ao Brasil e o Governo se limitava a garantir a aplicação das cláusulas do contrato. A redação da lei não era absolutamente escandalosa, mas a famosa cláusula X do contrato a muitos será lembrada quando pedirem a repatriação mesmo se não forem respeitadas, totalmente ou em parte, as promessas feitas aos colonos. Para os emigrantes trentinos esta recusa de responsabilidade do Estado brasileiro, vinha juntar-se a uma outra, a do Estado austríaco que tinha forçado muitos deles a renunciar a cidadania e que havia estabelecido que não pagaria em nenhum caso a viagem de volta a quem havia emigrado. Os trentinos que tinham decidido o grande passo, agora se encontravam completamente sós; sem dinheiro, aqui estavam e aqui deviam permanecer, custasse o que custasse. A própria cláusula XVII do contrato não será respeitada por Castano Pinto e desta vez também em prejuízo do Governo. Uma carta do Presidente da Província de Santa Catarina aos diretores das colônias declaravam em 1879 que o Ministério da Agricultura não estava em condições de exigir do empreendedor a repatriação de inválidos e de gente sem moral e aconselhava a

expedir imediatamente ao Rio aqueles que não tivessem os requisitos para serem aceitos. Caetano Pinto era tão forte e escutado na Corte que podia se permitir a colocar em dúvida a palavra de um Ministro de Estado.

Uma última anotação. O contrato previa a entrada no Brasil de 100.000 emigrantes, excluindo a Província do Rio Grande do Sul; com esta província o mesmo empresário tinha já em curso um outro contrato para a entrada de 40.000 imigrantes no espaço de tempo de dez anos. O contrato foi assinado pelas autoridades provinciais e pelos representantes da Companhia de transportes "Caetano Pinto e irmãos e Holzweissing e Companhia" em 1870".

LISTAGEM DE LOTES, SEUS PRIMEIROS OCUPANTES E ORIGEM DOS MESMOS - LIVRO "VENCER OU MORRER" DE RENZO MARIA GROSSELLI - EDITORA UFSC - 1987.

LOTE - OCUPANTE

ORIGEM

DISTRITO DE GASPAR

LINHA HOLSTEIN

10 Zen Paolo	Roncegno (também na Linha Pomerania)
13 Zen Luigi	? (Prov. Roncegno)
14 Zen Celeste	Roncegno (também em Poço Fundo)
? Ecol Leopoldo	Roncegno

LINHA PETERSTRASSE

Alguns lotes intitulados a colonos, cujos nomes são comuns no Trentino. Por exemplo, o 23 a Siegel Vincenzo e a 23A a Cetani Felice.

LINHA BARRACÃO

11 Pedrini Domenico	Lasino
28 Datzocchio Beniamino	Sacco
29 Datzocchio Giuseppe	? (Prov. Sacco)
30 Poli Giovanni	? (Na colônia, de Manzano. Uns partiram de V. di Non)
? Berti Luigi (de Paolo)	Tirol (Uns partiram de Mattarello e de Cavedine)
32 Mardiori Sergio	? (Na colônia, de Nomi mas também mantuanos)

Outros colonos da Linha a assinar são Pedroni e Azzolini.

LINHA SCHLESWIG

15 Rover Costante	Roncegno
19 Rover Domenico (filho)	Roncegno

Os lotes 12 e 16 eram intitulados a Carolina Carlo de quem não temos pista. Na colônia havia uma família Corziola, trentina.

LINHA POÇO FUNDO (Parte no Distrito de Cedro)

108 Marzani Carlos	? (Na colônia, de Rovereto e Pomarolo)
112 Corradini Giuseppe	? (Uns partiram de Rafo/Tassullo)
114 Bacca Carlo	Mezzotedesco
116 Zancanella Francesco	? (Uns partiram da região)
117 Tali Giovanni	? (Uns partiram de Mezzotomb.)
120 Eder Leopoldo	Mezzotedesco
131 Buratti Virginio	? 1038
134 Bertella Giacomo	? (Uns partiram de Calliano)
136 Zandron Antonio	Valda
137 Zanotti Carlo	? (Uns partiram de Cimone)

LINHA LIMEIRA

Nota-se que não pudemos estabelecer se esta Linha de confirm pertença ao Distrito de Gaspar ou ao de Cedro.

38 Dalago Baldesare	Letiera 1039
? Raizer Alessandro	? (Todos os Raizer da colônia eram de Calliano)

LINHA GASPAR PEQUENO

142 Chiassa Domenico	? (Uns partiram de Lavarona, mas na colônia cremonesas)
149 Rosso Lorenzo	Borgo Valsugana
150 Tomio Carlo	Borgo Valsugana
151 Tomio Beniamino (filho)	Borgo Valsugana
152 Dandrea Andrea	Borgo Valsugana
153 Dandrea Giordano	Borgo Valsugana
154 Datri Giuseppe	? (Todos os Datri na col. de Nanno e Calliano)
159 Stengari Giovanni	Se Stringari-Nanno
168/	
69 Iob Giovanni	Cunevo
170 Bergamo Giacomo	Nanno (partiu mais de um com o mesmo nome e sobrenome)
178 Menica Federico	? (Partiram uns de Castelano)
179 Menica Valentino	? (Veja acima)
? Mitenstainer	Mezzotedesco
? Tonio (ou Tonlatti)	Paù di Giovo
Giuseppe	
? Tonio (ou Tonlatti)	Paù di Giovo
Antonio	

LINHA BRILHANTE

A grande maioria dos colonos da Linha era lombarda. Entre outros, há Zanotti Giovanni e Zanotti Angelo. Famílias Zanotti partiram de Cimone, 2 dos quais com o chefe-de-família Angelo.

SEDE DE GASPAR (lotes urbanos)

Um lote, quais encontramos elementos, era intitulado a Sella Luigi (rua do Porto, lote 10). Algumas famílias Sella partiram de Vila Agnada e mezzolombardo.

DISTRITO DE CEDRO

LINHA POÇO FUNDO (parte no Distrito de Gaspar)

1	Celestino Zen	Roncegno 1019
3	Pietro Zen	Roncegno
4	Pietro Zen Filho	Roncegno 1020
Na Linha, foram concedidos lotes também para Domenico Uiler (ou Uailer) (lote n. 6), Giacomo El Celeste (lote n. 7) e Battista Torresani (lote 5). Do primeiro não temos notícias entre os que partiram de Roncegno; do segundo, sabemos que esteve em Nova Trento (mas outras famílias com este nome partiram, por exemplo, de Galdonazzo o Brantonico); do terceiro, podemos dizer que partiu de Rumo, mas outras famílias com o mesmo nome, na colônia, eram transmontesas.		
8	Roberti (ou Ruberti)	Algumas famílias de Cañiano
	Angelo	
10	Botticelli Giovanni	Roncegno
13	Piazza Ugo	?
15	Piazza Felice	? Na colônia, de Vallarsa.

LINHA ESTRADA DO LAJEADO

Esta Linha, habitada em maior parte por transntinos, e que deu origem ao atual povoado de Lajeado Alto (Município de Guabiruba), e alguns documentos consta chegar até o lote n. 59. Em outros, até o lote 48 (para os lotes seguintes fala-se de Linha Água Cristalina). Nós optamos pela segunda solução.

1	Plotegher Francesco	Serrada
2	Tomasl Giacomo	Cognola
3	Tomasl Giuseppe (de Glus.)	Cognola
4	Martinelli Beniamino	Chizzola
5	Coralota Domenico	Distretto di Trento
6	Stedle Marco	Terragnolo (o lote foi também de E. Romani)
7	Zencher Giuseppe	Terragnolo
8	Dalbosco Giuseppe	Norigio ou Rovereto
9	Minati Maddalena (v. Domenico)	Grigno
10	Pontalil (ou Pontalil) Cesare	?
11	Zencher Mateo	Terragnolo
12	Fontana Stefano	Pinè
13	Ponicelli Oquirino (de Ant.)	Trambilano
14	Nicoletti Battista (de Maria)	Vigolo Vattaro
14	Zoner (ou Zoner) Agostino	? 1021
15	Mazzalai Virgilio	Povo
16	Senter Giuseppe	Tirolo (prov. Trambilano)
17	Senter Domenico	Tirolo (prov. Trambilano)
18	Segatta Donato	Meano
19	Parisi Giuseppe	Sacco
20	Stedle Pietro	Norigio
20B	Stedle Giuseppe Junior	? (Prov. parenta)
21	Parisi Giacomo (de Glus.)	Sacco
22	Stedle Pietro Tomaso	Terragnolo (foi também de Stedle Marco)
23	Minini Adriano	Strigno
23	Comper Andrea (de Glus.)	Besonello 1022
24	Dalnegro Biagio	Bieno
25	Senter Giuseppe	Trambilano 1023
26	Senter Paolo	? (Prov. Trambilano)
26	Damatè Nicolò	Vigolo Vattaro 1024
27	Colva Francesco	?
28	Plotegher Cristiano	Folgaria
29	Romani Francesco	? (Na colônia, outros de Pomerolo. Uns partiram também de Cañiano)
31	Caldonazzi Valentino	Prov. Trento 1025
32	Plotegher Innocente (enzo)	Folgaria
33	Albani Polcarpo	?
34	Enderle Giacomo	Aideno
34	Enderle Egizio	Aideno
35	Galvagni Arcadio	Villa Lagarina 1026
36	Fritz Giov. Batt.	Aideno (foi também de Enderle Giacomo)
37	Pontalil (ou Pontalil) Pietro	?
38	Minati Giovanni	Grigno 1027 (foi em seguida de Suen B.)
39	Bertotti Cristoforo	Povo (depois, de Nicoletti Andrea de Maria)
40	Boschetti Giacomo	? (depois, de Battista e Andrea Nicoletti)
43	Benvenuti Teodosio	Nomi
44	Vinotti Carlo	Nomi (depois, de Teodosio Benvenuti)
45	Benvenuti Francesco (de Teod.)	Nomi
46	Anghaben Tomaso	? (depois, de Ponticelli Massimo) 1028
47	Michali Tomaso	? (na colônia, de Fondo, Albiano e Montè Vecchio)
48	Benvenuti Giuseppe	? (Todos os B. da Colônia, de Nomi)
LINHA ÁGUA CRISTALINA		
49	Martinelli Battista	Chizzola (depois, Enrico Romani)
50	Nicoletti Cristoforo (de Maria)	Vigolo Vattaro
51	Nicoletti Maria	Vigolo Vattaro
52	Densati Nicolò	?
53	Alessandrini Francesco	Tenna 1029
54	Alessandrini Serafino (ou Zaffirino)	Tenna
55	Alessandrini Battista	Tenna
56	Alessandrini Fortunato	Tenna
57	Suem Beniamino	Chizzola 1030
62	Cobbe (ou Cobe) Bartolo	Mazco

Patrocinadores:

Argus Vídeo Ltda.

Cartório Santos - Gaspar

Cine Foto Mary

Eletro Técnica Scheidt Ltda.

Ernesto - Relojoaria e Esportes

Escritório Fonte Contábil

Farmácia Cristóvão

Instaladora Gasparensense Ltda.

Livraria e Bazar Silva Ltda.

Organizações Sívio Schmitt

Posto Zimmermann Ltda.

Paca Empreendimentos Imobiliários Ltda.

Raul's Hotel Ltda.

Relojoaria e Ótica Onix

Sivaldo Comércio e Representações Ltda.

Wilscheitner Contábil Ltda.

Organização:

Resgate Empreendimentos Culturals
Rodovia Ivo Silveira, 620
Gaspar - SC

Edição:

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Fone (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

N. cham.: 981.642 GS B222m

Título: Memória gasparensense : imigração
italiana em Gaspar.



55235

Ac.13852

v. Ano 3, n.7 Ex.2